

A ENDOCRINOLOGIA NA BAHIA

Thomaz Rodrigues Porto da Cruz

Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia; Salvador, BA, Brasil

Se as moléstias carenciais forem consideradas, como devem, doenças metabólicas, a pré-história da Endocrinologia e da Metabologia baianas inicia-se em 1816, quando o príncipe Maximiliano da Áustria, em seu livro *Viagem ao Brasil*, relatou a freqüente ocorrência de escorbuto entre os habitantes de Porto Seguro, que se alimentavam quase exclusivamente de peixe.

Subseqüentemente, desde 1857, foram aparecendo teses de doutoramento (dissertações compulsórias para graduação pela Faculdade de Medicina da Bahia) abordando o diabetes mellitus. Em 1862, foi publicada a contribuição de um professor da faculdade, Domingos Carlos da Silva, ao estudo *Das Glândulas em Geral*. Até mesmo o depois professor de Cirurgia, diretor da faculdade e ainda maior reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Edgard Rego dos Santos, aventurou-se pela especialidade, diplomando-se após defender tese intitulada *Um Ensaio em Torno dos Hormônios* (1917).

A avitaminose B1, beribéri, parece ter sido reconhecida quando grassava epidemicamente na Bahia, em 1864. Seu diagnóstico foi suspeitado pelo fundador da Escola Tropicalista da Bahia, o escocês John Ligertwood Paterson. É verdade que, em fins do século XVIII, um naturalista baiano, Alexandre Rodrigues Ferreira, descreveu casos em tudo semelhantes aos de beribéri com que ele se deparara ao percorrer norte e centro do Brasil. Mas, seguramente, foi outro tropicalista da Bahia, o português José Francisco Silva Lima, quem melhor identificou o quadro clínico da doença estranha e de incógnita causa, em uma vintena de artigos publicados na *Gazeta Médica da Bahia*, o periódico médico de mais extensa circulação contínua e que angariou grande prestígio internacional entre as revistas médicas brasileiras. Entre 1866 (ano da fundação da Gazeta) e 1869, sob o título *Contribuição para a História de uma Moléstia que Reina Atualmente na Bahia sob Forma Epidêmica e Caracterizada por Paralisia, Edema e Fraqueza Geral*, apareceram esses trabalhos, reeditados, em 1872, em um livro intitulado *Ensaio sobre o Beribéri no Brasil*. Sobre a enfermidade, foi uma obra completa para a época: sintomatologia, diagnóstico diferencial, achados anatomopatológicos e terapêutica então recomendada. Júlio Rodrigues Moura, formado no Rio de Janeiro, publica 11 artigos na *Gazeta Médica da Bahia*, entre 1867 e 1869, “Um

Estudo para Servir de Base a uma Classificação Nosológica da Epidemia Especial que Reina na Bahia”. Em 1874, o professor de Fisiologia da Escola Médica Primaz do Brasil – a Faculdade de Medicina da Bahia -, Jerônimo Sodré Pereira, lança em Paris a obra *Mémoire sur le Beribéri*. Publicações sobre o assunto vieram a lume na Gazeta até 1926. Em 1920, divulgou-se, inclusive, um artigo intitulado *Síndrome Endocrínica do Beribéri*.

Desde 1872, foram veiculadas, no noticiário da *Gazeta Médica da Bahia*, mais importante publicação científica brasileira do século passado, inúmeras informações sobre endocrinopatias, copiadas de trabalhos aparecidos na Europa e nos Estados Unidos.

A referência inicial trata das doenças de Addison (suprarrenal e gástrica). O tratamento do diabetes, por arsênico (1873), sulfureto de cálcio (1876), salicilato (1879 e 1887), fósforo (1884), dieta (1885), iodofórmio (1886), antipirina (1888), santonina (1907), vai mudando, uma vez que ineficiente. Medida da glicosúria é descrita em 1905, 1908, 1925. Complicações crônicas do diabetes são referidas desde 1877 (ciática); fenômenos nervosos, em 1885; o mal perfurante plantar, em 1886; gangrena, em 1887; problemas oculares, em 1902. A tireóide comparece desde 1873 (correntes contínuas para tratamento da doença de Basedow). Depois há referências a cura (1878), etiologia (1889) e métodos terapêuticos (iodo e desenhos, 1878; ergotina, 1879) do bócio. A cirurgia da tireóide é abordada em 1877, 1880 e 1883, e o transplante da glândula, em 1890. O tratamento do hipertireoidismo surge novamente em 1911 e 1912. Tetania da gravidez e tratamento pelo cálcio são comentados em 1912. Do magnésio já se tratara em 1895. Raquitismo e osteomalácia são descritos em 1885 e 1929; Paget, em 1890; von Recklinghausen, em 1915; diátese fosfórica, em 1919. A adrenalina surge em comentário de 1902; a oxitocina, em 1923. Substâncias do crescimento são mencionadas em 1922. Índices de robustez e obesidade infantil e pelagra são abordados em 1923, 1925 e 1931. Arteriosclerose em menina de 13 anos é mencionada em 1908; gota, em 1901, 1902 e 1903. Problemas gonadais vão da hiperplasia prostática (1894 e 1916) ao hermafroditismo (1883, 1926) e à hipospádia (1915 e 1916), passando pelos distúrbios menstruais (1892, 1895), a esterilidade (1878) e o tratamento da impotência (1907), sem que deixem de ser feitas referências às experiências de Brown Séquard (1889, duas vezes).

O primeiro trabalho publicado na Gazeta por um médico brasileiro, versando sobre uma doença endócrina propriamente dita, foi da autoria de A. J. P. S. Araújo, a respeito do Tratamento do Diabetes Açucarado pelo Ácido Fênico (v.7, p. 536, 1884). Vale chamar a atenção para o trabalho de Aristides Maltez sobre o tratamento bem sucedido da gangrena diabética

Recebido em 10/09/2007

Aceito em 01/10/2007

Endereço para correspondência: Prof. Thomaz Rodrigues P. da Cruz, Rua Plínio Moscoso, 64 Apto. 301 Jardim Apipema 40195-150 Salvador, Bahia – Brasil. E-mail: thomazcruz@lableme.com.br.

Gazeta Médica da Bahia

2007;77: 2(Jul-Dez):182-189.

© 2007 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

(1914), e um sinal de insuficiência supra-renal descrito por Clementino Fraga (1918); por ele, também, é retratada supra-renalite palustre (devida à malária), em 1917 e 1918. Coma diabético aparece em 1919 (M. Pereira) e em 1930 (S. Prado); tratamento com insulina, em 1926 (J. Rebelo Neto). Uma conferência de Pierre Marie sobre acromegalia foi publicada em 1890, em pequeno estudo de dois casos. Em 1891, publica novamente outros casos, juntamente com o Dr. Souza Leite, sergipano radicado em Salvador que fazia estágio no seu Serviço, em um opúsculo da *The New Sydenham Society*, de Londres.

Após preparação do terreno, via teses de doutoramento, inúmeras informações e eventuais publicações originais, os alicerces da Endocrinologia na Bahia foram implantados por professores da Faculdade de Medicina da Bahia, inicialmente, sobretudo, nas ciências básicas, e por profissionais que, fora da academia, começaram a exercer atividades de suporte laboratorial. Assim, faz-se mister distinguir a contribuição dos Profs. Trípoli Gaudenzi e Jorge Novis, de Bioquímica e Fisiologia, respectivamente, com estágios na Europa e na Argentina, que introduziram temas endócrinos nos seus cursos e exerceram a especialidade em seus consultórios. Não há quem esqueça das aulas de síndrome de adaptação geral (Trípoli Gaudenzi) e controle endócrino da musculatura uterina (Elsimar Coutinho, que hoje pontifica na fisiologia da reprodução), em Bioquímica, e da introdução dos hormônios digestivos (Jorge Novis) e das funções do hipotálamo e da hipófise (Macedo Costa), em Fisiologia. José Simões Jr. (da Fisiologia) e Luiz Torres faziam determinações do metabolismo basal na clínica particular. Posteriormente, também da Fisiologia, o policlínico Antônio Luiz Matheus Biscaia tornou-se interessado em Endocrinologia, tanto no exercício docente quanto na atividade profissional. De uma maneira indireta, mas definitiva, estas participações exerceram influência positiva no desenvolvimento subsequente da especialidade.

Mas não foi senão até o retorno do exterior e o início de atividades da Dr^a. Anita Guiomar Franco Teixeira, na década de 50, que a Endocrinologia baiana começou a levantar as paredes de seu edifício. Ganhou foros de especialização e começou a ser praticada sistematicamente no ciclo clínico do curso médico da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade da Bahia. A tese da Profa. Dr^a. Anita Guiomar Franco Teixeira, sobre a síndrome de Sheehan, é um marco referencial desta história. Tendo estagiado em Ann Harbor, com Jerome Conn e Stefan Fajans, concentrou seu interesse sobretudo no estudo do diabetes mellitus, mas, tanto na enfermaria da Primeira clínica Médica quanto no ambulatório da mesma, exerceu e ensinou a Endocrinologia com entusiasmo, a ponto de justificar o merecido título de fundadora da Endocrinologia na Bahia. Principalmente, também, pela sua atuação na fundação da Regional da Bahia da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, SBEM (1965). Reuniu mais 11 sócios, dentre os quais se contavam os professores titulares Adriano Pondé, Roberto Santos e Heonir Rocha. O primeiro, seu grande estimulador e chefe da Primeira

Clínica Médica, fundador da Escola de Nutrição, propugnava pelo valor da dieta como mecanismo para atingir o peso ideal e prevenir a arteriosclerose. Roberto Santos, que estagiou com Alexander Leaf, incentivou sua atração pelo metabolismo hidrossalino, demonstrada fartamente em suas teses na escalada acadêmica e em várias publicações. Durante estágio na Inglaterra, Roberto Santos desenvolveu um bioensaio para avaliação das concentrações de insulina, utilizando seu efeito no diafragma. Heonir Rocha se aprofundou na Nefrologia, fazendo-a crescer justamente na época em que, no mundo inteiro, ela se separava da Metabologia como especialidade independente, antes irmã da Endocrinologia. Firme apoio houve de outros professores da Faculdade de Medicina da Bahia, como Cícero Adolpho da Silva (que, clínico sobretudo interessado em Gastroenterologia, acompanhava casos endócrinos na Segunda Clínica Médica), como Dom Horácio Alban (assistente voluntário de saudosa memória, e em clínica privada), José de Souza Costa (ginecologista, com estágio no exterior em Genética, que aqui desenvolveu a Ginecologia Endócrina – ou Endocrinologia Ginecológica), José Duarte de Araújo (pediatra, que foi aos Estados Unidos se especializar em Endocrinologia, mas acabou sendo professor de Medicina Preventiva). Os demais fundadores ou exerciam suas atividades no âmbito da Primeira Clínica Médica ou, como Jorge Vidal Pessoa, tinham interesse na Endocrinologia em atividade de consultório. Anita Teixeira foi a operosa primeira presidente da Regional da Bahia da SBEM, de 1965 a 1967. De 1967 a 1972, a entidade esteve sob a importante chefia de Antônio Biscaia. Em dezembro de 1968, a SBEM BAHIA promoveu a bem sucedida I Jornada Baiana de Endocrinologia e Metabologia, como já organizara um curso de atualização, realizado no Hospital Naval. Bernardo Vianna Pereira e Dirceu Ferreira, desde 1967, começaram a realizar captação de radioiodo pela tireóide. Em 1968, Macedo de Carvalho, retornando dos Estados Unidos, abriu um ambulatório de Endocrinologia, onde contou com a ajuda da então acadêmica Alcina Vinhaes.

Em 1971, a Dr^a. Anita Teixeira e dois outros médicos, como ela oriundos de Sergipe e formados na da Faculdade de Medicina da Bahia, Antônio Carlos Macedo de Carvalho (que depois se transferiu para Brasília) e Thomaz Rodrigues Porto da Cruz (também com treinamento e pós-graduado no New York Hospital, Cornell University Medical College, e de lá recém-chegado), trabalhando os três na Primeira e Segunda Clínicas Médicas e na Terapêutica Clínica do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, decidiram fundir os seus ambulatórios em um só e abriram o Ambulatório de Endocrinologia Geral, chefiado até 1976 por Thomaz Cruz.

Em 1974, com a condução deste à chefia do Programa de Residência Médica, transformada no Curso de especialização na Área Médica sob a Forma de Residência (CEAMFOR), iniciou-se a residência em Endocrinologia. Desde 1970, contava a especialidade com a dedicada participação da recém-formada Dr^a. Alcina Maria Vinhaes, com treinamento posterior no Hospital das Clínicas da USP, que, ao retornar, se

juntou a Judith Maria Dias Carreiro Pousada, que fez pós-graduação (doutoramento) na Espanha (1982), e a Maria Marcílio Rabelo (depois livre-docente), que se especializou em Endocrinologia no Hospital da Universidade da Pennsylvania (1974). A equipe foi comandada com dedicação e competência, a partir de 1977, por Maria Marcílio Rabelo, que chefiou e participou da supervisão à assistência a pacientes ambulatoriais e internados e contribuiu para a formação de residentes e estagiários, desenvolveu investigações científicas e liderou diversas publicações. A este grupo, posteriormente, se associaram Auristela Paes Alves, pediatra oriunda da Genética Médica, que obteve o doutorado na UFBA; Margarida Britto, ex-residente do CEAMFOR/UFBA e depois mestra, agora com doutorado, responsável pelo Ambulatório de Diabetes do HUPES; e Leila Maria Araújo, que cursou o mestrado do IEDE e fez o doutorado na USP. Subseqüentemente, outros endocrinologistas, como a ex-residente do CEAMFOR/UFBA Maria Zenaide Gonzaga, o ex-residente do Hospital do Servidor de São Paulo, Cláudio Soares Dias, e a ex-residente e depois mestra e doutora da UFBA, Iraci Lúcia Costa Oliveira foram absorvidos como professores, exercendo suas atividades docentes predominantemente na especialidade, e no exercício da profissão extra-muri. Rosalita Nolasco Gusmão, ex-residente, com doutorado na Alemanha, e Yvonne Gomes Cruz, ex-residente e mestra nossa, além de Luiz José Lobão Sampaio, que faz Medicina Nuclear, associaram-se às atividades didáticas e assistenciais no Pavilhão Magalhães Netto, edifício de consultórios de especialidades do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos. Os componentes da disciplina de Endocrinologia e Doenças Metabólicas constituíram o núcleo impulsionador do crescimento da Endocrinologia na Bahia e, com os sócios da Regional da SBEM da Bahia e Sergipe, desde 1978 até 2001, têm sido o fulcro da alavanca que levanta a especialidade no nosso meio.

Alguns momentos culminantes da trajetória da Endocrinologia da Bahia merecem ressaltar: a realização do XII Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia e II Congresso Brasileiro de Diabetes (1976), sem dúvida um instante limítrofe da própria Endocrinologia Brasileira; nele, foram discutidos temas de Endocrinologia Básica, Endocrinologia Tropical, Endocrinologia Sexual, Cirurgia Endócrina e 12 convidados de renome vieram do exterior para prestigiar o conclave; a III Jornada Norte-Nordeste de Endocrinologia e Metabologia, encontro idealizado conjuntamente pelos Drs. Alcides Temporal, de Pernambuco, e Thomaz Cruz, da Bahia, que ocorreu em 1984, em Aracaju, bem sucedido devido aos esforços conjuntos das equipes baiana e sergipana, esta liderada por Raimundo Sotero Menezes Filho, que foi interno nosso em 1976; o III Congresso Brasileiro de Diabetes, em 1987, com a participação de 17 convidados estrangeiros, inclusive uma representação significativa de colegas latino-americanos; em 1991, o IV SISO (Simpósio Internacional de Obesidade), em Salvador; e, em 1992, de novo em Aracaju, o IV Encontro Nacional de Educação

em Diabetes, sob a presidência de Raimundo Sotero e Alcina Vinhaes.

Outras atividades marcantes foram os cursos sobre distúrbios do desenvolvimento sexual (1974) e de Endocrinologia Pediátrica (1979 e 1989, este com a participação da Dr^a. Maria New, da Universidade de Cornell). Outros cursos de Endocrinologia Pediátrica foram ministrados em 1973, durante o XVIII Congresso Brasileiro de Pediatria, ocorrido em Salvador, e, em 1983, no Hospital Martagão Gesteira. Dois cursos de atualização em diabetes (1986 e 1989, em conjunto com a Sociedade Brasileira de Diabetes e o Programa de Diabetes da Secretaria Estadual da Saúde, então dirigido por Maria do Carmo Mendonça e Reine Chaves Fonseca) e um curso de Propedêutica Endócrina, em 1989, fazem parte de um elenco de atividades que reuniram os endocrinologistas mais experimentados e aqueles em treinamento a clínicos e outros especialistas interessados nos temas apresentados e discutidos.

Em 1996, a Diretoria Nacional da SBEM e a regional da Bahia e Sergipe voltaram a organizar o Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia, o 22º, com invulgar sucesso. Modificamos o formato do evento, modulando-o de acordo com os temas afins, sugeridos pelos Capítulos da SBEM e as sociedades congêneres (SBD, ABESO E SOBEMOM). Compareceram 37 convidados estrangeiros. Após o CBEM, foi ainda realizado Simpósio sobre Hormônio do Crescimento. Em 1997, o mesmo grupo conseguiu finalmente realizar um antigo projeto, o I CELP (Congresso de Endocrinologia de Língua Portuguesa), com a presença maciça de colegas de além-mar, de Portugal e de suas ex-colônias da África. Em 1999, sob a presidência de Raimundo Sotero e Alcina Vinhaes, e com Thomaz Cruz presidindo a Comissão Científica, o XII Congresso Brasileiro de Diabetes foi realizado com sucesso em Aracaju.

Em 2002, em associação com a diretoria regional da SOBEMOM, com Albino Novaes, reumatologista, organizamos e realizamos um Curso de Atualização em Doenças Osteometabólicas. Também em 2002, a X Jornada Norte-Nordeste de Endocrinologia e Metabologia (X JNNEM), como ocorrera em 1984 a III, em Aracaju, organizada por Raimundo Sotero e patrocinada pela nossa Regional. Com Reine Chaves Fonseca e Armênio Guimarães (cardiologista), a SBEM participou ativamente de três Encontros Baianos Multidisciplinares em Diabetes e Hipertensão (2002, 2003, 2004). Como na Bahia Endocrinologia e Diabetes sempre caminharam irmanados, o XV Congresso Brasileiro de Diabetes (2005) foi bem sucedido sob a eficiente presidência de Reine Chaves Fonseca e com a Comissão Científica presidida por Thomaz Cruz.

A SBEM BAHIA participou com entusiasmo, via seu representante na Comissão Internacional da Diretoria Nacional, Thomaz Cruz, para que as Sociedades de Endocrinologia portuguesa, em 2004, e brasileira, em 2008, sediassem os Congressos Internacionais da especialidade.

Estes conclaves, por certo, estimularam o progresso da especialidade e conferiram crescente prestígio à mesma.

Publicações, participações em congressos na Bahia, em outros estados brasileiros e no exterior, tornaram a Endocrinologia baiana mais conhecida e respeitada.

A disciplina de Endocrinologia e Doenças Metabólicas foi coordenada, desde a sua criação em 1972 até dezembro de 1976, por Thomaz Cruz, que procurou impulsionar o seu desenvolvimento, como também o fez, de 1977 a 1995, a Prof^a. Maria Márcílio Rabelo. Em 1996, com a aposentadoria desta, o Dr. Thomaz Cruz foi eleito por seus pares para voltar a chefiar a disciplina na FAMEB e, depois, o Serviço no HUPES.

A residência médica envolve dois anos de treinamento endocrinológico, precedidos de treinamento em Medicina Interna, com preparo clínico e formação laboratorial (Alcina Vinhaes iniciou as atividades de um laboratório no HUPES, em 1976, reativado posteriormente), exposição a áreas de conhecimento correlatas (Genética, Patologia e Radiologia Endócrinas, Medicina Nuclear, laboratório de Endocrinologia, Endocrinologia Ginecológica e Andrologia e Endocrinologia Pediátrica) e um estágio de quatro meses, geralmente realizado no HC da USP, outrora sob a orientação do Prof. Bernardo Leo Wajchenberg e do Prof. Eder Quintão e sua equipe, além da colaboração atenciosa da Dr^a. Berenice Mendonça e do seu grupo, antes e agora. Nos estágios da residência louvem-se as contribuições de Eliane Azevêdo e Maria das Graças Souza (Genética), Leila Siqueira, Aristides Queiroz e Luciano Fonseca (Patologia), Dorival Portugal e Carlos Widmer (Radiologia), Luiz José Lobão Sampaio (Medicina Nuclear), Fortunato Trindade (Ginecologia), José Melo (Andrologia) e do LEME (Laboratório de Endocrinologia e Metabologia da Bahia). De 1974 a 2007, 77 residentes se especializaram em Endocrinologia, 64 (83,1%) formados nas escolas médicas baianas e 15 (16,9%) em outros estados (6 de Sergipe, 2 de Minas Gerais, 2 do Ceará, 1 da Paraíba, 1 do Rio Grande do Norte e 1 de Pernambuco). Outros endocrinologistas baianos obtiveram treinamento no IEDE (Rio de Janeiro) e na Escola Paulista de Medicina (lá ficando ou indo para outros estados), bem como nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha e França. O primeiro laboratório que prestou serviços do ponto de vista endocrinológico ao HUPES, sem ônus para o mesmo, foi o Laboratório INPAR, que pertencia aos Drs. Dirceu Ferreira e Luiz Erlon Rodrigues, ambos professores de Bioquímica da UFBA.

Além dos ambulatórios de Endocrinologia Geral (Maria Márcílio Rabelo, Auristela Alves, Leila Araújo e Alcina Vinhaes, como chefes), tireóide (Maria Márcílio Rabelo e Iraci Costa Oliveira), diabetes (Anita Teixeira, Leila Araújo, Judith Pousada e Margarida Britto) e obesidade (Judith Pousada e Leila Araújo), que cumprem seu objetivo triplo – didático, assistencial e de pesquisa – outros, como o temporário ambulatório de pâncreas (Thomaz Cruz), concorreram para observações importantes, como a identificação prevalente do diabetes pancreático, por alcoolismo e má nutrição, na Bahia. E, desde 1982 em funcionamento, o ambulatório de Endocrinologia Pediátrica tem dado oportunidade ao treinamento de residentes em Endocrinologia e Pediatria e,

desde a sua fundação, à formação de residentes em Endocrinologia Pediátrica. Maria Betânia Pereira Toralles e Ângela Hiltner foram as pioneiras neste setor. Thomaz Cruz criou esta clínica externa, e a ajuda de Maria Cristina Actis de Freitas, Ângela Hiltner, Osmário Salles, Severino Farias, Reine Chaves Fonseca, Maria Dulce Prudente Lima, Ana Lúcia Carvalho Sampaio, Vânia Andrade, Iara Miranda, Francine Mendonça e Dulce Garcia foi, e a de Alcina Vinhaes continua sendo, inestimável. Isabel Carmen Fonseca fez parte ativa deste serviço de clínica externa e Maria Betânia Pereira Toralles coordena atualmente a disciplina de Genética Médica da Faculdade e do Hospital Universitário e mantém um ambulatório de genitália ambígua, com o urologista Nilo Leão. O treinamento em Endocrinologia Pediátrica tem-se valido das colaborações de Ayrton Moreira (Ribeirão Preto) e Romolo Sandrini (Curitiba), além de Roberto Giugliani (Porto Alegre) e Berenice Mendonça (São Paulo).

Endocrinologistas têm realizado cursos de mestrado e doutorado aqui e fora do estado. No curso de mestrado em Medicina Interna, na Bahia, 16 (15,5%) das 103 dissertações aprovadas desde 1971 até 2000 tratavam de assuntos endócrinos; de 2000 a 2007, 30 (11,7%) de 257 trabalhos de mestrado e doutorado versaram sobre temas endócrinos e metabólicos; no IEDE, na USP e na Escola Paulista de Medicina, mestrados e doutorados foram realizados por colegas da Bahia.

Tanto na Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA quanto na co-irmã Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, lecionam endocrinologistas. Nessa última, destacam-se Tereza Arruti, depois substituída por Rita Chaves, Ricardo Sinay Neves, Carla Daltro, Vânia Andrade e Maria de Lourdes Souza e Silva. Na Maternidade Climério de Oliveira da UFBA, contribuiu sobremodo a Dr^a. Judith Pousada (que chefiou também o setor de Diabetes do HUPES), junto com a obstetra Denise Barata, no ambulatório de diabetes gestacional. Outros hospitais não-universitários, mas ligados por convênio ao ensino – Hospital Roberto Santos (Reine Chaves Fonseca, Tereza Gouveia, Severino Farias e Odelisa da Silva Mattos), Hospital Ana Nery (Maria Cristina Actis de Freitas, Tereza Arruti e Osmário Salles), Hospital Santo Antônio (Iraci Lúcia Costa Oliveira e Osmário Salles) e Hospital São Rafael (Daysi Alcântara Jones e Washington Silva) – possuem adequadas divisões de Endocrinologia. No Instituto Estadual de Aposentadorias e Pensões da Bahia (IAPSEB), houve um serviço exemplar de diabetes, com Maria Cristina Freitas e Alcina Vinhaes à frente, às quais se juntaram posteriormente outras endocrinologistas (Maria do Carmo Mendonça, Maria de Lourdes Silva, Carla Daltro e Adriana Matos Viana), além de uma equipe multidisciplinar. O Centro de Diabetes e Endocrinologia do Estado da Bahia (CEDEBA) estabeleceu sua excelência com Reine Chaves Fonseca na profícua liderança. A participação de Judith Pousada no Censo Brasileiro de Diabetes (1985) e no Estudo Brasileiro de Diabetes Gestacional e no Estudo de Síndrome Metabólica em Espanhóis e Descendentes na Bahia foi entusiástica e eficiente.

Menção se faça ao Ambulatório de Diabetes Juvenil do Hospital Martagão Gesteira, sob o comando de Maria Betânia Pereira Toralles. Maria Cristina Actis de Freitas, primeira e eficiente interna minha, foi residente no IEDE, fez um brilhante mestrado na PUC/RJ, tendo sua tese obtido nota máxima, e foi uma das fundadoras da Enfermaria de Clínica Médica do Hospital Ana Nery. Lá, ajudou a criar a residência médica e nela lecionou. De 1974 a 1996, dedicou-se com integridade e eficiência ao ambulatório de Endocrinologia que ela havia criado e respondeu pela distribuição do hormônio de crescimento e de outros medicamentos na Bahia, pelo antigo INAMPS. Além disso, Maria Cristina Freitas foi, desde a fundação, em 1998, e até 2006, a batalhadora e bem sucedida editora chefe do Boletim de Endocrinologia da SBEM, Regional da Bahia e Sergipe, órgão de divulgação científica da mesma, já na 22ª edição. Tereza Arruti, Daysi Alcântara Jones e Washington Luiz Matos Silva também fizeram parte da história da Endocrinologia no Hospital Ana Nery. Luís Fernando Fernandes Adan, com treinamento na França, coordena a distribuição gratuita do hormônio de crescimento pelo CEDEBA e é eficiente professor de Pediatria na Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA. Em Sergipe, Raimundo Sotero dedica-se sobretudo ao cuidado e à educação de pacientes diabéticos. Manoel Hermínio Aguiar Oliveira tem estudado e publicado casos de nanismo hipofisário. Ex-residentes da UFBA, Dulce Prudente, Adriana Prata Ribeiro, Karla Rezende, Luciana Pedral de Santana e Ana Denise Costa Pereira praticam a especialidade em Aracaju, três delas envolvidas com o ensino, e com Raimundo Sotero e Manoel Hermínio reuniram os especialistas necessários para a criação da regional sergipana, em 2001, o que contou com o aplauso e o apoio de seus colegas baianos. Ex-estagiários do Serviço de Endocrinologia do HUPES, além de Raimundo Sotero, Francisco de Assis Pereira, de volta a Sergipe, após seu doutorado, e Denise Brito Franco (hoje em Brasília, cuidando da epidemiologia e erradicação do hipotireoidismo congênito), deixaram impressão de interesse e dedicação.

De 1970 até hoje, estivemos presentes, representantes da Endocrinologia baiana, em todos os congressos nacionais da especialidade e na maioria dos internacionais.

Alguns nomes valem ser destacados, adicionalmente aos que já foram citados: Dr. Antônio Mollicone, diabetólogo e diabético, que fez da sua enfermidade uma lição de vida, de ensino e de assistência, com o apoio do Dr. Luciano Villa, como o primeiro também já falecido, aos quais prestamos aqui nossa homenagem. Outro diabetólogo, o Prof. Jorge Leocádio de Oliveira, recentemente falecido, e o Dr. Paulo Torres, que iniciou o primeiro Ambulatório de Diabetes do Hospital Ana Nery, já com a ajuda multidisciplinar de enfermagem e assistência social, também emprestaram sua colaboração à história da Endocrinologia baiana. Merecem citação especial alguns cirurgiões, professores da Faculdade de Medicina da Bahia: Álvaro Rabelo Jr. operou supra-renais e tireóides; Luiz Carlos Medrado Sampaio (cirurgião pediátrico) e Nilo Leão (urologista) intervêm, como José de Souza Costa

(ginecologista) também o faz, em casos de intersexo; Jayme Viana, professor de Neurologia, e Carlos Bastos, também neurocirurgião, já falecidos, removeram adenomas de hipófise no Hospital Santa Isabel e no HUPES/UFBA. Fora da Faculdade de Medicina da Bahia, merecem citação Jesus Roberto Cordero Gómez e Carlos Bastos Filho. Fernando Didier foi o cirurgião endócrino por excelência, tendo realizado operações tireoidianas, paratireoidianas, supra-renais (Cushing e feocromocitoma) e pancreáticas (insulinomas); quando começou a intervir em paratireóides, vibramos juntos com a identificação e a remoção de adenomas hiperfuncionantes – a mesma e compartilhada intensa satisfação pela cura definitiva de pacientes com hiperparatireoidismo primário; continuou operando muito bem bócios (tóxicos e/ou volumosos), nódulos e cânceres de tireóide, o que se intensificou nas duas últimas décadas, com a aparente epidemia neoplásica tireoidiana, após a introdução da ultra-sonografia e a ressurreição da punção aspirativa, da qual foi pioneiro. Grandes emoções repartimos, procurando insulinomas, encontrados sempre, por menores e mais escondidos que fossem, mesmo os alhures questionados. Quanto às supra-renais, o leque se abriu por completo: tumores malignos e benignos, hipercortisolismo, feocromocitomas e, bem recentemente, a alegria do primeiro caso de hiperaldosteronismo primário. Não foi, pois, sem razão que o Prof. Didier passou a ser referência especial para cirurgia endócrina. Por esse motivo, a nossa regional da SBEM prestou-lhe significativa e merecida homenagem, em outubro de 1998, na sessão em que ele coordenou histórica mesa-redonda sobre cirurgia endócrina. Apesar de vários substitutos potenciais, mais maduros ou mais jovens, sua ausência abre uma lacuna que necessita de preenchimento imediato. Embora reconheçamos que vai ser difícil consegui-lo de maneira absoluta, este é um desafio que nós, seus discípulos (entre os quais orgulhosamente me incluo) e admiradores, fazemos aos que foram preparados ou influenciados por ele: buscar substituí-lo à altura ou até mesmo tentar superá-lo. Eis uma forma adequada e justa de honrar sua memória e suprir a enorme falta que ele nos faz. Jorge Bastos tem sido referência para a cirurgia endócrina geral. Em cirurgia tireoidiana, Roberto Santos, Cláudio Rogério, Edvaldo Fabel, Eduardo Napoli, Paulo Guilherme Mettig, Ivan Agra, Dário Lopes, Augusto Mendes e Jorge Rescala têm contribuído com a Endocrinologia.

Sobretudo nesta década, cirurgias bariátricas têm-se tornado disponíveis para o tratamento de obesos mórbidos. As operações para redução de estômago, com ou sem desvio intestinal, inicialmente realizadas por Marcus Leão, também vêm sendo oferecidas por Erivaldo Alves, Márcio Café e, no HUPES, pelo Prof. Oddone Braghiolli Neto. Em 2006, endocrinologistas baianos participaram ativamente do VIII Congresso Brasileiro de Cirurgia da Obesidade, realizado em Salvador, sob a presidência de Marcus Leão. Nesse conclave, a denominação da entidade mudou para Sociedade de Cirurgia Bariátrica e Metabólica. Em 2007, no XII Congresso de Obesidade e Síndrome Metabólica, realizado no Estado de

São Paulo, a dedicada coordenadora do Ambulatório de Obesidade Mórbida do HUPES, Profª. Leila Araújo, foi eleita presidente da Comissão Organizadora do XIII Congresso a ocorrer na Bahia, de 2 a 5 de setembro de 2009.

Nas duas gestões da SBEM BAHIA presididas por Diana Viégas Martins, endocrinologista mineira aqui radicada, neta do patriarca da especialidade em Minas Gerais, Aulo Pinto Viégas, e filha do renomado endocrinologista das Alterosas, José Diogo Martins, dotada de um patrimônio genético considerável, mas com luz e brilho próprios, foram realizados dois bem sucedidos congressos baianos da especialidade, o I ENDOBAHIA, realizado em Itabuna/Ilhéus, em 2006, e o II ENDOBAHIA, em Salvador, em 2007, com excelente afluência.

No interior do Estado da Bahia, destacam-se Marluce Leão e Luís Jesuíno de Andrade, em Itabuna, e Ana Mayra Andrade de Oliveira e Suzete Iara Santos Matos, em Feira de Santana, trabalhando sobretudo com diabéticos. Na década de 90, em Feira de Santana, ocorreram dois cursos: um de Endocrinologia Pediátrica e outro sobre diabetes mellitus, este organizado por Ana Mayra e Suzete Iara. Ressalte-se a produção científica recente de Ana Mayra, referente à síndrome metabólica na criança e no adolescente. Na Clínica São Lucas e depois no Instituto de Diabetes e Endocrinologia (IDE), desde 1977, ocorreram reuniões semanais (Clube da Glândula), com participação ativa de vários endocrinologistas, mestrandos, residentes e estagiários, para a discussão de casos difíceis ou

de maior interesse. Osmário de Mattos Salles reativou esta prática no Hospital Aliança. A regional da SBEM (de 1978 a 2001, da Bahia e Sergipe) tem-se reunido com frequência variável ao longo dos quase 43 anos de sua existência, que cremos estar sendo profícua e benéfica. Em 1977, ocupamos de novo a Diretoria Nacional da SBEM. Aproveitamos o que o XXII CBEM proporcionou de sobra monetária para aquisição de equipamentos para o CEDEBA, a residência de Endocrinologia do Hospital Roberto Santos e para a reforma da sala da disciplina de Endocrinologia do HUPES. Tem sido um longo caminho, nem sempre fácil, mas que já tem sua história dignificante, aqui resumida.

Como papel aglutinador dessa construção, há ação continuada das duas faculdades de Medicina da Bahia, dos serviços distribuídos nas principais cidades do Estado e as atividades da SBEM BAHIA, a qual, como já ressaltado, tem papel de destaque na história recente da Endocrinologia (Quadro 1).

De outro lado, há a participação da nossa gente e até dos seus casos, como mostra o Anexo I. Além disso, há a plêiade de endocrinologistas jovens, não citados para não esquecer ninguém, que se beneficiou dos momentos marcantes e das influências decisivas, mas que terá aproveitado as discordâncias para formar sua consciência crítica, que encontre nesta aligeirada e despretensiosa biografia da Endocrinologia baiana o incentivo para levá-la a um progresso maior e merecido.

Quadro 1. Sociedade Baiana de Endocrinologia e Metabologia.

SÓCIOS-FUNDADORES DA REGIONAL (SBEM) DA BAHIA:

Diretoria:

Anita Guiomar Franco Teixeira – Presidente
Cícero Adolpho da Silva – Vice-Presidente
José Souza Costa – Primeiro Secretário
José Duarte de Araújo – Segundo Secretário
Antônio Ferreira Lima – Tesoureiro

Membros:

Adriano de Azevedo Pondé
Roberto Figueira Santos
Heonir de Jesus Pereira da Rocha
Jorge Vidal Pessoa
João Pondé Neto
Ildfonso do espírito Santo
João Monteiro

DIRETORIA ATUAL – Biênio 2007/2008

Diana Viégas Martins – Presidente
Leila Maria Araújo – Vice-Presidente
Syssi Amâncio Marques – Secretária Executiva
Lúcia Barros Ferreira – Secretária Executiva Adjunta
Fábio Rogério Trujilho – Tesoureiro Geral
Damaris Cunha Lopes – Tesoureira Geral Adjunta

ANEXO 1

ALGUMAS ESTÓRIAS DA ENDOCRINOLOGIA BAIANA

Na década de 70, batalhávamos para garantir que os diabéticos que atendíamos no HUPES usassem a insulina de maneira adequada. Surpreendentemente, um dia, uma paciente retorna para consulta e, perguntada quanto e como estava tomando sua insulina, ela respondeu:

- *Bem, a dose estou tomando direitinho, mas o gosto é que eu não aprecio, acho muito amargo. Não dá para mudar?*

Década de 90, na comissão organizadora do I CELP (Congresso de Endocrinologia de Língua Portuguesa), uma pergunta causou espécie:

- *Vai haver tradução simultânea?*

Quem questionou explicou que nossos irmãos lusos falam muito depressa e engolem as vogais.

Isto já havia sido notado em 1976, quando sediamos, no então Hotel Méridien, o XII Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia e o II Congresso Brasileiro de Diabetes. Poucos dias antes do início do Congresso, fui chamado para atender ao filho do gerente geral do hotel, inaugurado havia poucos meses. O menino se constituiu, no serviço de emergência onde fora admitido, num desafio terapêutico. Entendia-se que o mesmo tinha falência renal, mas as determinações de uréia e creatinina tinham sido normais. Tive a sorte de entender que o menino tinha insuficiência supra-renal (adrenal, como os pais chamavam, e que, da maneira contraída e rápida, assemelhava-se a insuficiência renal).

Esclarecida a confusão, cuidado o garoto e resolvido o problema agudo, ficamos com prestígio para solicitar toda a colaboração necessária à resolução dos problemas (e foram muitos) que o hotel recém-inaugurado apresentou durante os dias dos congressos.

Um momento interessante ocorreu quando o grupo de endocrinologistas sergipanos decidiu que estava pronto para constituir uma regional independente da Bahia, da qual faziam parte desde 1978. Semelhantemente a 1820, quando Sergipe se tornou independente da Bahia, tudo evoluiu com tranquilidade. Fizemos parte, inclusive, da comitiva que foi à festa de instalação da nova regional, discursamos e demos uma das aulas no evento comemorativo. Nosso relacionamento continua fraternal. Já estamos, inclusive, planejando um evento de conagraçamento BASE (que, além de significar fundamento, alicerce, quer dizer também Bahia e Sergipe).

No XII CBEM, a SBEM BAHIA, em 1996, decidiu que Bernardo Wajchenberg merecia ser o presidente de honra do evento, tendo como vice-presidente a Dr^a. Anita Teixeira. Bernardo foi e ainda é o representante científico maior da endocrinologia brasileira. Anita foi fundadora e primeira presidente da SBEM BAHIA e sempre ativa participante da endocrinologia baiana. Foi uma excelente escolha, uma homenagem ao mérito e ao pioneirismo.

No ano seguinte, durante o I CELP, a SBEM BAHIA resolveu homenagear dois pólos de irradiação do saber e da prática endocrinológica, duas influências marcantes na formação de especialistas, Luís César Pova, do IEDE, Rio de Janeiro, local de preparo de endocrinologistas para todo o Brasil, e Ney Cavalcante, de Pernambuco, professor e modelo de muitos colegas da especialidade no Norte e Nordeste.

Estas escolhas foram, sem dúvida, uma estória de lucidez e acerto da nossa regional.

Toda entidade vive crises e das crises se pode, freqüentemente, construir um futuro melhor. A regional baiana da SBEM viveu seus momentos de discordância e desentendimento. Mas é preciso ressaltar que ela teve um instante de mágica inspiração. Em 1970, trabalhavam nos ambulatórios e enfermarias de suas clínicas (1ª, 2ª e Terapêutica) do HUPES três sergipanos – Anita Teixeira, Macedo de Carvalho e Thomaz Cruz. Eles decidiram fundir os seus Serviços e trabalhar juntos. Coincidentemente, no ano seguinte, oficializou-se a existência da disciplina de Endocrinologia e Doenças Metabólicas na Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA.

Anita Guiomar Franco Teixeira foi, verdadeiramente, uma inovadora. Já em 1973, quando ainda não se publicara a importância do atendimento multidisciplinar para diabetes *mellitus*, o Ambulatório de Diabetes do HUPES, que ela tão bem chefiava, já contava, na sua equipe, com enfermeira, nutricionista e assistente social. Até hoje, este é um modelo a ser imitado.

Dois detalhes importantes da reunião do Conselho Deliberativo da SBEM em 1976, durante o XII CBEM, presidido pela nossa regional: a criação do Curso Nacional de Atualização, hoje transformado em Congresso, e a retomada da publicação dos Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia – ABE&M, ambas sugestões da nossa Diretoria Regional.

Em 1987, no VI Congresso Brasileiro de Diabetes, em Salvador, sob a responsabilidade da SBEM BASE, um momento especial foi o *show* de Dorival Caymi, aplaudido de pé pela quase totalidade dos participantes. Emoção igual só no jantar realizado na Ilha Fiscal, Rio de Janeiro, onde ocorreu o último baile do Império, durante o respectivo CBEM, organizado pelos colegas cariocas. A programação social também ficou na nossa memória, além da excelência da programação científica.

Para terminar, outra anedota do cotidiano: chega-me à consulta um indivíduo diabético, com uma queixa principal, a de decidir que medicação antidiabética oral deveria tomar – se continuaria a usar Adonil ou se mudaria para Aramil. Expliquei-lhe que, se estava sendo bem sucedido com a medicação que usava, não precisaria se precipitar em trocá-la. O gosto pela novidade não deve influenciar nas nossas decisões terapêuticas, sobretudo se o que é disponível é eficiente e seguro.